



Dez anos após *Amoris laetitia*: *anunciar o Evangelho com as famílias hoje*

Encontro do Santo Padre Leão XIV
com os Chefes das Igrejas Orientais
e os Presidentes das Conferências Episcopais
7-14 de outubro de 2026

[Tradução de trabalho. Original: inglês.]

Os jovens e a descoberta da vocação matrimonial

Escutar os jovens e acompanhá-los na descoberta do valor do matrimónio

Sexta-feira, 9 de outubro de 2026
S.E.R. Mons. Timothy Costelloe, S.D.B.

Ao procurar abordar este tema, tentei reunir a minha própria experiência de escuta dos jovens, tanto como bispo como enquanto educador (como Salesiano de Dom Bosco), e os contributos tanto do clero como dos leigos da Arquidiocese de Perth, na Austrália, que consultei sobre este tema. Há muitas dimensões neste desafio pastoral: hoje quero simplesmente oferecer algumas primeiras reflexões para começarmos.

Em primeiro lugar, falar de “jovens” comporta o risco de os tratar como um grupo sociológico homogêneo, em vez de como pessoas individuais que, embora possam ter muitas coisas em comum, são também indivíduos únicos, com as suas próprias histórias, experiências e personalidades singulares. E, se falamos mais especificamente de jovens católicos, há aqueles que são devotos e empenhados (geralmente não são a maioria); aqueles que têm diferentes níveis de envolvimento com a Igreja, desde o regular ao ocasional; aqueles que procuram algo mais; e aqueles para quem as questões da fé e da crença ainda não despertaram a sua atenção.

Por causa desta diversidade, não haverá respostas fáceis nem soluções institucionais simples: programas específicos, recursos catequéticos renovados, grupos paroquiais de jovens revitalizados, e assim por diante. Tudo isto é importante, mas há algo mais fundamental a considerar: trata-se de uma questão de *cultura*. O caminho sinodal, embora diga respeito em parte às estruturas, diz fundamentalmente respeito a uma mudança na cultura da Igreja – aquilo que o Papa Leão identificou como um *determinado estilo* que deveria caracterizar todas as nossas interações uns com os outros. Ao lidar com os jovens, o nosso *estilo* de interação é de importância primordial. Devemos levá-los a sério, devemos tanto *ter* como *demonstrar* respeito por eles, e devemos escutá-los atentamente – e como indivíduos, não como um grupo homogêneo. Uma cultura sinodal é uma cultura de envolvimento e acompanhamento: devemos encontrá-los onde eles estão, entrar em relações de respeito, escuta e aceitação, e caminhar com eles à medida que amadurecem.

Uma questão central que muitos jovens colocam diz respeito ao significado da sexualidade humana e à sua ligação com o matrimónio. Na Austrália, e possivelmente em muitos outros países, o conceito de uma ligação necessária entre a atividade sexual e a procriação, bem como a importância desta ligação no matrimónio cristão, já não é amplamente compreendido ou aceite. Como me explicou o Diretor da Educação Religiosa na Província da Austrália Ocidental, que é casado e tem filhos adolescentes, «*Muitos dos nossos jovens herdaram pressupostos culturais sobre a sexualidade que*

diferem substancialmente dos da Igreja – podem compreender a posição da Igreja, mas não lhes é fácil assumi-la». Isto evidencia a tensão entre a visão da Igreja e algumas correntes fortes da sociedade contemporânea e aponta, como muitos sugeririam, para o poder das *redes sociais, do entretenimento, da cultura dos pares e dos influenciadores online (que) apresentam frequentemente uma visão das relações humanas que privilegia a realização pessoal, a autonomia e a felicidade imediata em detrimento da permanência, do sacrifício e da aliança.*

Além disso, muitos jovens de hoje enfrentam experiências dolorosas, como o fracasso dos matrimônios nas suas próprias famílias, a violência doméstica, as desigualdades entre mulheres e homens e as falhas morais dos responsáveis da Igreja, cuja credibilidade e testemunho foram comprometidos. Estamos a competir com muitas outras abordagens ao significado do matrimónio.

Ao mesmo tempo, muitos jovens procuram relações que possam fazer emergir o melhor que há neles, que sejam duradouras em vez de passageiras e que lhes proporcionem uma base sólida sobre a qual possam construir um futuro com sentido. Os jovens precisam de ser confirmados nestes desejos e acompanhados enquanto procuram construir relações deste tipo. Precisam também de ser escutados e acompanhados com compreensão e compaixão à medida que crescem, por vezes dolorosamente, rumo a uma compreensão mais madura daquilo que implicam essas relações que dão vida. Tanto a nível paroquial como diocesano, é necessária uma atenção renovada ao desenvolvimento de formas de envolvimento com os jovens neste momento crucial das suas vidas.

Porque tantos matrimônios terminam em divórcio e tantas outras relações acabam também por se desfazer, muitos jovens duvidam de que seja possível, ou mesmo desejável, um compromisso para toda a vida. Neste contexto, o testemunho de casais e famílias estáveis é um instrumento poderoso. Como me explicou um casal, *«o argumento mais convincente a favor do matrimónio cristão é muitas vezes um casal que o vive bem»*. Se as comunidades paroquiais locais conseguirem descobrir formas de tornar visível e celebrar o testemunho dos casais e das famílias, o medo do compromisso e as dúvidas sobre a permanência, que preocupam muitos jovens, poderão ser atenuados, pelo menos em certa medida. Há aqui um verdadeiro *ministério do testemunho fiel*, ao qual poderá muito bem ser dado algum reconhecimento formal nas comunidades paroquiais e diocesanas. Os cursos de preparação para o matrimónio são um lugar evidente para um tal “ministério do testemunho fiel”. O mesmo se aplica aos programas de Educação Religiosa nas escolas católicas. E, nas paróquias acolhedoras e “amigas dos jovens”, a possibilidade de exercer um tal ministério é grandemente reforçada.

Recentemente, um sacerdote falou-me da *«alta teologia da intimidade conjugal da Igreja»*. Sugeriu que um dos objetivos de um curso de preparação para o matrimónio deveria ser a apresentação desta “alta teologia”, mas de uma forma positiva e não negativa: como um ideal pelo qual vale a pena esforçar-se, e não como uma lista de regras e normas a cumprir. Apresentar ideais pelos quais trabalhar, em vez de regras a seguir, tem mais probabilidades de conquistar as pessoas e de lhes permitir ver os valores que estão na base dessas regras e normas. Isto também sustenta a ideia de acompanhamento e o reconhecimento de que cada pessoa está num caminho de vida e de fé.

Embora os jovens casais que vivem juntos antes do casamento estejam aquém do ideal do matrimónio cristão, isso não significa que não haja nada de bom nas suas relações: encontramo-los onde estão e acompanhámo-los à medida que avançam para uma expressão mais plena do ideal cristão. Mas, como pergunta o Papa Francisco em *Amoris Laetitia*: «Quem fala hoje destas coisas? Quem é capaz de levar

os jovens a sério? Quem os ajuda a preparar-se seriamente para um amor grande e generoso?» (AL 284).

O catolicismo sempre procurou manter, numa tensão criativa, a fidelidade aos nossos ideais e o respeito por aqueles que têm dificuldade em viver de acordo com esses ideais ou que, em determinadas fases das suas vidas, consideram esses ideais irrealistas ou pouco convincentes. Ao fundamentarmos o ministério e a prática pastoral da Igreja em relações de amor, compaixão e paciência, e ao comprometermo-nos com o desafiante caminho do acompanhamento respeitoso, estaremos a lançar sementes que outros colherão. Embora isto seja um sólido bom senso pastoral para todos, é especialmente adequado aos jovens.